

## O SIGNIFICADO SEXUAL DA SUJEIRA RITUAL

Furio Jesi

A pesquisa etnográfica trouxe à luz, e genericamente enquadrado no conjunto de ligações por nós conhecidas, o fenômeno da assim chamada “sujeira ritual.” Trata-se de um elemento das cerimônias iniciáticas primitivas sobre cuja natureza formal já quase não existe mais dúvida: é a proibição de lavar-se — que pode se prolongar por todo o tempo da permanência no “lugar sagrado” da iniciação —, à qual se acrescenta a obrigação de se untar de cinzas, de fuligem ou de argila.

Samter, Propp e outros estudiosos reconheceram nessa prática a intenção de confirmar com um ato ritual a incognoscibilidade (e num certo sentido também a invisibilidade) do neófito, ligada à sua permanência no Outro mundo. Propp, especialmente, pôs em evidência as sobrevivências alteradas de tal prática na tradição de fábulas populares, mesmo sem chegar a conclusões decisivas sobre o significado da própria prática, com base no material folclórico-literário por ele examinado.

Conclusões semelhantes — é necessário dizer agora — nós procuraremos dar e formular no decorrer desse estudo. É, portanto, necessário que caracterizemos ulteriormente os termos da problemática relativa, dando por conhecidos os documentos etnográficos não suscetíveis de revisão formal e já publicados.

Consideremos, antes de tudo, se o *não lavar-se* está realmente ligado ao ato de se untar de fuligem ou de argila (e, do mesmo modo, com o pintar-se de preto ou de branco: práticas em clara relação com a invisibilidade), e, conseqüentemente, pode ser interpretado através de um ponto de vista análogo.

Do ponto de vista formal, as duas práticas (*não se lavar*, e *sujar-se*) parecem análogas: assim, poderiam ser consideradas em harmonia e em consolidação uma com a outra, supondo um significado comum de características da

---

Il significato sessuale della sporcizia rituale.

Riga, Milano, n. 31 (Org. Marco Belpoliti e Enrico Manera), p. 34-35, 2010.

Texto inédito, presente em arquivo privado, escrito por volta de 1960.

Tradução de Davi Pessoa Carneiro

invisibilidade relacionada com a permanência no Outro Mundo. Nesse caso, porém, seriam características totalmente particulares. A sujeira (derivada tanto do *não lavar-se* quanto do *sujar-se*) seria uma espécie de *confirmação* da invisibilidade real do iniciado. Mas se tal invisibilidade era, de fato, real, que valor podia assumir uma sua confirmação? Presumivelmente o de entender no âmbito do rito — e, portanto, da sagrada situação em que os homens tomavam contato com o Outro Mundo — uma realidade, uma “verdade” que partia da realidade do Outro Mundo, mas que se manifestava unicamente no mundo dos viventes. O neófito, assim, (ou o “morto”) era invisível “nessa terra”, em consequência de seu pertencimento ao Outro Mundo.

Sua invisibilidade não era uma qualidade “ultra-mundana”, mas, sim, precisamente a prerrogativa imposta ao neófito por aquele estado de coisas, por isso os dois mundos estavam separados e incompatíveis um com o outro.

Porém se a invisibilidade era uma qualidade “terrena”, por qual razão devia ser *confirmada* nessa terra mediante o rito? Uma prática que valesse como confirmação podia ter, numa situação semelhante, apenas uma função sacral didascálica. Não podemos esquecer que o lado didascálico das cerimônias iniciáticas primitivas era realmente tal (isto é, separava-se do “tomar contato de modo ‘terreno’ com uma realidade ultra-mundana”) somente junto àquelas culturas primitivas menos antigas, nas quais o “sagrado” não era mais só uma coisa que se abandonava, mas algo que se “conhecia” e, portanto, podia ser objeto de ensinamento: aquelas culturas que pertenciam a um estágio mágico, e não místico, do devir histórico primitivo.

O definir-se em função, ou seja, em termos de didática religiosa, pode sem dúvida ter favorecido, depois, a sobrevivência das práticas inerentes à sujeira ritual nos patrimônios culturais. Tais práticas, de fato, alcançavam uma verdadeira formulação, cujo “contexto” podia rapidamente ser transmitido a civilizações sucessivas como patrimônio de cultura tradicional, a partir do momento em que — no que diz respeito à cultura da qual temos conhecimento — a transmissão de uma realidade formal é muito mais fácil que a transmissão de uma realidade desprovida de forma, de uma pura e simples *Ergriffenheit* [comoção].

Para ficar no âmbito das civilizações mediterrâneas, pode-se considerar a prática helênica de untar-se de argila ou de gesso (ou de se sujar de farinha ou de farelo) relativa aos iniciados aos mistérios. Os textos clássicos não destacam, porém, uma relação entre o ser manchado de branco e a morte, por mais

que essa relação possa parecer bastante explícita, sendo já ilustrada pelos hábitos de luto. Que, por outro lado, os participantes na procissão em direção a Elêusis fossem ao encontro de uma realidade infernal, está documentado também por outras características de seu traje: a bengala e o saco de viajante (cujos correspondentes estão muito presentes na literatura folclórica), a murta, a cabeça coberta.

Todos esses dados concordam ao nos indicar uma sobrevivência da prática primitiva do ato de se sujar: nada, porém, acena ao *não lavar-se*. Pode-se, aliás, perceber que nos “pequenos mistérios” de Elêusis (que precediam a iniciação eleusina) ocorriam importantes lustrações rituais, por isso oferecia água o rio Ilíssos. Tratava-se de uma verdadeira purificação por meio da água, e, portanto, de uma prática num certo sentido oposta àquela do *não lavar-se* primitivo.

Não se pode, por outro lado, supor que a lustração de Elêusis equivalesse *mutatis mutandis* à lavagem sofrida pelo neófito quando acabava o período do *não lavar-se*. À lavagem de Elêusis seguia a admissão de vestes de morte, e a viagem em direção à morte; à lavagem primitiva seguia a entrada no mundo dos vivos, e, com muita frequência, as núpcias.